

José Viale Moutinho

FECHEM ESSAS MALDITAS GAVETAS!



teodolito

Título: Fechem essas malditas gavetas!

Autor: José Viale Moutinho

Reservados todos os direitos

Edição: teodolito

Editor: Carlos da Veiga Ferreira
Rua Padre Luís Aparício, 9, 1.º F.
1150-148 Lisboa
cvf.teodolito@gmail.com

N.º de edição: 32

ISBN: 978-989-8580-22-1

Depósito legal: 371468/14

Impressão e acabamento: Rainho & Neves, Lda. / Santa Maria da Feira
geral@rainhoeneves.pt

Distribuição: Companhia das Artes – Livros e Distribuição, Lda.
comercial@companhiadasartes.pt

teodolito é uma chancela do grupo edições afrontamento

Ao meu irmão João.

*O que penso eu do mundo?
Sei lá o que penso do mundo!
Se eu adoecesse pensaria nisso.*

Alberto Caeiro

Como tremeu a Ilha das Quatro Estações

*Se algum dia esta ilha desaparecer, a culpa decerto caberá a um demónio
que ela própria concebeu no seu próprio ventre.*

Soror Violante da Ilha, *O Segundo Livro da Ilha*

Mesmo que a terra trema, disse o prelado, e a terra tremeu como se tivesse muito frio ou uma doença incalculável. A terra era uma ilha vulcânica com os seus picos ameaçadores de deuses e vales profundos, arvoredos sombrios, ribeiras, ora secas ora subitamente caudalosas, e penhascos, que engoliam homens e animais, sobretudo quando acontecia a terra não conseguir dominar-se. Mesmo o poderoso e muito antigo til, que fica diante da minha choça, nesses tempos borrascosos, consegue vergar-se rangendo como um possesso dos demónios, que emergem dos buracos do chão, expelindo ainda fumos nauseabundos, de enxofre, e línguas de fogo ensanguentado. Sei que não imaginarão este cataclismo porque não conhecem a ilha, e apenas poderão ter aproado os vossos barcos naquele rochedo preambular onde uma pequena guarnição impede que se entre no espaço que nos pertence há séculos e aonde ninguém deve colocar ambos os pés.

O velho sargento Do Ó zelava para que todos ficassem ali, onde os nossos matulas abasteciam as embarcações de passagem colocando-lhes no rochedo as barricas de água, de fruta em conserva, de carne salgada, molhos de cana-de-açúcar e cachos de banana, alimentos que lhes permitissem afastar-se para bem longe. Num outro rochedo havia uma muralha onde, disfarçada com redes e folhagens, uma bateria de canhões estava pronta a despejar bolas de ferro e fogo contra quem se atrevesse a ultrapassar os limites concedidos de um mero abastecimento. O sargento Do Ó tinha uma bandeirola debaixo do braço a que faltava a mão, mas dispondo de um gancho, o braço esquerdo, e bastaria segurá-lo com a mão direita, agitando-o acima da cabeça, que os do outro rochedo, o chamado Rochedo de Santo Adjuto, começariam o canhoneio. Isto quer dizer que o sargento artilheiro Da Câmara tinha sempre os olhos postos no seu colega do Rochedo do Cais de São Liberto. Ora nós estamos no último dia de Março de mil oitocentos e tantos, começa a anoitecer e não há nenhuma embarcação acostada ao São Liberto e, no entanto, regista-se um certo alvoroço entre a pequena guarnição, pois foi desemparedado um esqueleto com a farda do exército espanhol do tempo de Filipe II.

O soldado que trata da roupa do sargento Do Ó estava a empurrar um armário e verificou uma forte mancha de humidade na parede do quarto onde o seu superior dormia e decidiu repará-la. Ele explicaria mais tarde que pretendia escavar toda a humidade, arrancando-a e deitando-a ao mar, e colocar ali uma massa que pudesse secar, eliminando a humidade. Depois pintaria a parede, porém surgiu-lhe o esqueleto de uma mão, depois o braço, a farda de um tenente, o esqueleto calçado com umas excelentes botas, com o chapéu de três bicos na caveira e um punhal atravessando-lhe a arca do peito, uma lâmina enferrujada. No bolso tinha um papel em que, antes de desfazer-se, alguém leu o nome de *D. Joaquín Pérez Leg...*

O sargento mandou encaixotar o esqueleto do oficial espanhol, fechar o buraco de acordo com a ideia inicial e depois colocar de novo o armário diante da obra feita, de modo que ninguém se apercebesse. Mesmo assim, os soldados da guarnição pediram licença ao sargento para verem a parede atrás do armário, mas isso foi-lhes negado, o que os desgostou. O mesmo pretendiam, quatro dias mais tarde, o sargento Da Câmara e os seus homens, que receberam a mesma resposta. E a caixa com o esqueleto foi colocada a um canto da pequena capela, a fim de ser embarcada no primeiro barco da Armada Espanhola que o quisesse aceitar.

Segundo uma *relaçam*, publicada logo a 17 de Abril desse mesmo ano, o terramoto aconteceu durante a noite desse último dia do mês de Março e o dia 1 de Abril de mil oitocentos e tantos e as palavras que figuravam no rosto do folheto eram «lamentável e horroroso». E dizia o improvisado cronista, decerto por falta de assunto, que um jovem inglês de nação descobriu a ilha mais por destino do acaso que por impulso do engenho no nebuloso ano de 1423, e que muitos autores, querendo ele dizer *historiadores*, a intitulam *rainha das ilhas*, como se houvesse uma monarquia da terra que está dispersa no oceano, e isso é assim não só pela amenidade do terreno, mas pela bela situação em que se encontra, e pergunto-lhe eu daqui que se a ilha estivesse mais para sotavento ou para barlavento em que é que isso influiria os demónios das profundidades na escolha dos caminhos quando se deslocam à superfície e encontram terra ou rocas e dizem que vão fazer tremer tudo só porque lhes dá na real gana.

Rainha das ilhas, ora que reino este das ilhas dos formidáveis mares, quero saber, ajoelhando-me nas profundezas, entre polvos e restos de navios naufragados, inquirindo as potestades desaparecidas. E como se chamava o inglês, querem saber, não é verdade, pois seria Bob M., e fizera-se ao largo da sua ilha que se situa entre bancos de nevoeiro, levando consigo a sua amorosa noiva e os melhores amigos

de possantes braços para os remos, sem qualquer ciência para se orientarem pelas estrelas ou erguerem uma vela e se aproveitarem dos ventos de feição. Nenhum sabia mais do que de esgrima e de negócios de alcova, mesmo assim conseguiram que a barca não se voltasse e chegasse, mar fora, à ilha cuja descoberta não lhes foi consignada porque os dois namorados nela morreram e eles saíram, remando como doidos perseguidos por fantasmas e pela fome, até darem com as plagas africanas, onde os negros os recolheram e os conduziram aos senhores mouros, que deles fizeram escravos e os perderam em fomes e sedes e torturas.

Por fim, à ilha chegou um navegador, o capitão Gonçalves Bandeira, a quem levantariam algumas estátuas, enquanto ele e outros se envolviam nas medições da ilha com as suas cordas de nós, procurando bichos que nunca encontrariam, pois se os quiseram tiveram de trazê-los e obrigá-los a procriar, naquela ilha e nas pequenas ilhotas dos arredores. Reza a lenda que Gonçalves Bandeira encostou a sua nau ao rochedo de Santo Adjuto e ali desembarcado passou a primeira noite embrulhado numa manta; quando acordou disse ter escutado um fragor vindo do meio da terra, como se a ilha fosse oca ou no seu ventre habitassem dragões do princípio do mundo.

Mas quem teria elucidado Gonçalves Bandeira acerca da existência de dragões no princípio do mundo?

De qualquer modo, quando ele saiu a terra num escaler, do rochedo e uns cem metros remando, viu umas plantas, árvores retorcidas a que não teve dúvidas de atribuir a forma de dragões, e exclamou:

– Eis os dragoeiros que me apareceram em sonhos. Eu bem disse, e nunca me engano.

E um dos soldados, batendo com a espada no tronco da referida árvore de tronco e ramos retorcidos, ficou banhado de sangue, como se tivesse ferido um animal, e escudou um bramido que a todos encheu

de medo. Creio que naquele momento a terra, na verdade, não tremeu, mas tremeram os homens da nau de Gonçalves Bandeira.

Meu Senhor, escreveu Gonçalves Bandeira ao monarca do seu país, esta terra é fabulosa, pertence-vos, vou estabelecer uma capital no ponto mais agradável da costa, uma baía a dois passos do rochedo onde desembarquei e pernoitei, colonizarei toda esta terra, onde não existe uma única pessoa, pelo menos até à data não encontrámos ninguém e já mandei homens para as sete partidas, levaram armas, mas não necessitaram de provisões porque os alimentos estão sempre à mão, mesmo caminhando o dia inteiro, os homens parecem engordar e, porque se cansam, não havendo animais, vão deixando o armamento em determinados lugares, avançando assim mais ligeiros, regressando mais depressa com as novas que lhes solicito.

Nem todos, como disse, regressaram, mas pelas informações de que disponho, esta é a ilha das quatro estações e aqui há milhanos de asas tão largas como as velas de um navio e pássaros tão pequenos que cabem na mão de uma criança e um dos marujos, um garoto de 14 anos, Pacheco de seu nome, insiste em chamar-lhes bisbis, já apanhou uns quantos, mas logo os põe a voar, embora se tivesse empenhado em encher deles essas duas gaiolas que envio a Vossa Majestade como amostra, é só dar-lhes cereal de pequena dimensão, pois não suportam os bagos de milho, como verá, e têm um cantar muito seu.

As outras aves são um pouco mais soturnas e creio que não chegarão aí vivas, têm um cantar tristíssimo, pois parecem crianças em todo o pranto e vivem metidas nos buracos das pedras e no mais escondido das árvores, o mesmo Pacheco, pelo mau cheiro que sentiu às primeiras que apanhou com laços chamou-lhes cagarras, com licença de Vossa Majestade.

Aqui tudo é novo e há que dar nomes a todos os sítios e correntezas e este Pacheco tem cabeça para arranjar tal e mantê-lo sempre comigo,

e como sabe ler e escrever, tirei-o dos trabalhos de grumete encarregando-o como anotador, aliviando o trabalho do cronista Garcia de Anrede, reservado para as questões mais profundas, como se compreende.

Hoje o Pacheco saiu com quatro homens para tentar tirar as medidas à ilha. O moço já tinha uns cálculos e, quando lhe ordenei que procedesse às medições, atreveu-se a dizer-me que nos encontrávamos a 154 léguas aí da Corte, a 33 graus da linha equinocial!

Na margem da carta, acrescentaria Gonçalves Bandeira que Pacheco mandara recado que *a ilha media 22 léguas de comprido por sete e pouco de largo, mas que se encontrava a escalar o Pico da Princesa Adelaida (não é que o moço se atreveu a baptizar o pico com o nome de Sua Alteza?, mas vamos condescender pela boa intenção)*. Prosseguia Gonçalves Bandeira com a narrativa emocionada, mas já sem nada de interessante para aqui.

O rei recebeu três gaiolas com os pássaros mortos e uma carta a que não atribuiu nenhuma importância. Disse ao mestre da barca que interrompesse o discurso que o entediava, mas o marinheiro atreveu-se a insistir e foi posto a ferros, assim como a meia dúzia de marinheiros que compunham a tripulação. No entanto, os Beatos Descalços da Serra da Arrábida, informados por um confrade da Corte, entraram em contacto com o mestre da barca e conseguiram libertá-lo para que os conduzisse à ilha donde viera. Para tanto aparelharam uma nau às suas custas e em segredo zarparam à revelia da vontade do monarca e do cardeal, que sempre os ostracizou. Frei Vladomiro IV queria fundar a colónia dos Beatos Descalços na Ilha das Quatro Estações, como lhe chamavam, a partir da cópia da carta que o mestre fizera da missiva de Gonçalves Bandeira para o rei.

Que o Senhor nos livre dos piratas mouriscos, dizia muitas vezes D. Vladomiro IV, confiante numa companhia de mercenários alemães que contratara para os proteger, porém até à ilha nenhuma vela

apareceu no horizonte e quando chegaram ao Ilhéu de Santo Adjuto foi o próprio Gonçalves Bandeira que veio recebê-lo, supondo-o mensageiro do rei. E muito se irritou quando soube pelo mestre o que se passara na Corte.

– Vai pagá-las. Esta terra não será da Coroa, mas independente! Frei Vladomiro IV assustou-se.

– Uma terra sem rei nem roque, sr. Capitão?

– Não, reverência, poderá não ter rei, mas terá Roque. Eu serei Roque, o senhor da Ilha.

– E a Ilha chama-se efectivamente a Ilha das Quatro Estações?

– Mas Vossa Reverência leu a minha carta ao rei?!

– Vi uma cópia.

– Uma cópia!

O mestre adiantou-se:

– Tomei essa liberdade, doutro modo teria sido um desastre completo, meu capitão.

– Então, só nos resta incendiarmos os barcos e fazermos desta ilha a nossa terra. Temos cronista, Frei Vladomiro, temos igreja, temos soldadesca, temos homens do campo.

Porém, o avisado mestre da barca pediu licença para falar e disse:

– Senhor, senhores, o que quiserdes, mas esta terra que sabemos só ter árvores, plantas, pássaros, precisa quem a cultive, precisa de sementes de outros alimentos, precisa de gado, de vacas e de cabras, bois, bodes, coelhos, mulheres parideiras, importa que nasça gente aqui, senhores, e de mulheres só uma soldadeira veio clandestina nesta nau e ela não serve para procriar.

– E que sugeres, então?

– Que eu vá ao continente e traga o que for preciso, senhores.

– Esvaziem a nau, que fique só o necessário para uma viagem e uma tripulação reduzida e uma boa bolsa de moedas para as despesas.

– Poderemos confiar em ti, mestre?

O mestre olhou os seus interlocutores e as lágrimas caíam-lhe pelas faces, apenas murmurou que odiava o rei. E logo ali se aprestou a nau para a viagem.

Antes da partida, Vladomiro IV fez questão de benzer a embarcação e celebrar missa para os que partiam no próprio convés, que havia sido esfregado e decorado para o efeito.

Da uma para as duas horas, depois da meia-noite, em 31 de Março de mil quinhentos e tantos, abalou-se a Ilha a impulsos de um terremoto de pouca duração. Com este tremor acordaram todos os moradores, uns admirados, outros suspensos, dizia a *relaçam*, e outros ainda duvidosos do que era. Sentiram segundo, e terceiro, sendo este de pulsação no mar e na terra, e tão forte que além de fazer demolir algumas igrejas, vilas, lugares, campos e casas particulares da cidade, e não padecer senão um homem decrépito, um menino e duas mulheres, não ficou edifício, por mais forte que estivesse, que se não visse ofendido.

Esta novidade causou tanto horror a todos os que habitavam aquela cidade que os fez formar diferentes juízos. Uns discorriam que procederia aquele tremor inopinado da interposição de algum corpo líquido subterrâneo. Outros asseveraram que seria por causa das águas das fontes e ribeiras pela introdução que teriam de várias vias e meatos da terra, e finalmente outros publicavam que causariam este efeito as matérias betuminosas e sulfúreas, mas tudo isto era mais vanglória do entendimento que acerto do acaso.

Frei Rafael de Santa Cruz ergueu-se da sua mesa de trabalho e foi olhar o oceano, mas as Ilhas Desertas atraíram-no, as dezenas de embarcações de pesca que pareciam pairar num mar de prata, pegou no óculo e fixou uma e outra e outra, sem prestar grande atenção. Voltou à redacção da narrativa que lhe havia sido cometida, mergulhou a pena de aço no tinteiro de tinta violeta e passou a desenhar as letras

na sua excelente caligrafia: Porém, contra estes filosóficos fundamentos, escreveu esborratando as primeiras palavras, se opuseram os mais experientes, narrando que o tal terramoto procedera do elemento do ar, por verem que os campos tinham algumas bocas. E por isso muitas pessoas fidedignas afirmam terem visto para a parte de Leste da mesma ilha sair para o ar uma grande faixa de fogo, que se observou por espaço de um quarto de hora um grande clarão da cor do mesmo fogo e se sentiu que o ar estava com quentura desusada.

Naquele instante chegou um soldado a perguntar se o documento estava pronto, que o senhor governador o mandava perguntar, pois o queria ler a partir do que restava da varanda do seu palácio ou de um palanque que andaram a montar na Praça da Governação, pois a multidão já se aglomerava ali, depois de ter corrido a cidade observando os escombros, muitos já haviam começado a trabalhar na montagem das tendas, nuns campos abertos a norte da cidade, arrasada uma população de árvores centenárias à força dos machados manobrados por um sem número de escravos negros e mouriscos.

Ainda tardou, ele que os entretinha com tambores e lançadores de fogo pela boca, aquela gente do costume.

O soldado parecia estar com muita pressa em esgueirar-se dali, pela fama de exorcista do frade.

Mergulhando na sua escrita, Frei Rafael de Santa Cruz: *Perturbados com este sucesso fatalíssimo todos os ânimos dos moradores, procurarão meios, pelos quais a Divina Clemência benignamente condescendesse às súplicas. O primeiro que deu o exemplo foi o Excelentíssimo e Reverendíssimo Prelado, mandando publicar preces na catedral, a qual ficou notavelmente arruinada, e concorrendo o Cabido, Senado, Ministros, Nobreza, o povo se formou uma devota solene procissão, sendo nela trasladada pelo Reverendo Cônego o Doutor D. Julião Caetano Lobo para o que restava da catedral a imagem semidesfeita do sagrado Apóstolo*

D. Bernardo Barbadão, padroeiro da Cidade, e colocada no altar do Santíssimo Sacramento, se continuariam ali as súplicas com o Senhor exposto até 9 do mês de Abril. Estas rogativas também fizeram todas as mais comunidades religiosas, e todas as colegiadas da capital mais os moradores das vilas, lugares e campos usarão ainda, além destes, outros exercícios tão católicos como espirituais.

Neste instante um corvo entrou pela janela, indo empoleirar-se num candelabro, que caiu fragorosamente. Frei Rafael precipitou-se, mas o corvo, crocitando aflitivamente, voou rasando a mesa, entornando o tinteiro no tapete. Meio entontecido, ergueu novo voo e saiu pela janela, espargindo tinta nas vidraças e no rosto do frade.

Ajoelhados nas ruínas da igreja matriz, centenas de fiéis rezavam com medo e fervor, alheios ao latim dos frades, e os soldados, armados de lanças, estavam por ali com o intuito de os conduzir para as tendas de refúgio.

Alguns oficiais a cavalo andavam de um lado para o outro, dando ordens e contra-ordens. O Roque, nome dado à máxima autoridade da ilha, acompanhado do governador e dos secretários, andava de um lado para o outro, como perdido. Uma velha muito velha seguia-lhes na peugada e apenas dizia:

– É roubo de igreja, é roubo de igreja...

Mas eles tinham uma intenção obscura em recortar trinta ribeiras na ilha, abrir fontes que lançassem águas do alto dos penhascos para o mar, ribeiras que levassem no seu curso não só águas ferventes como pedras e tudo quanto encontrassem pelo caminho, troncos com galhos que arrebatavam gentes das casas, que colhiam crianças das margens, ribeiras que tinham nomes de santos e de mártires e provocavam as desgraças da ilha. Esventrando a ilha, com o tremor da terra o tremor das ribeiras e as fendas da terra traziam das profundezas os males do meio do mundo. E o que há no meio do mundo,

queria saber um pobre soldado, interrogando o negro Sabão, abrigado com ele num til tombado. E o escravo, olhando-o de soslaio, abanava a cabeça, mal o escutando, murmurando:

– Agarra-te a este tronco, quando as águas passarem levarão tudo, tudo, tudo, e lá iremos nós, branco da merda!

E o soldado tremia. Mas o que nem eles nem os frades nem o Roque nem a sua corte sabiam é que no fim daqueles tremores de terra, daquelas torrentes de água e tudo nos caudais das ribeiras com nomes de santos e mártires, a ruína seria completa e, no centro da capital, a primeira adufa da história seria arrancada e pela buraca, entre bostas, ratazanas, pedaços de roupas esfarrapadas, sentimentos desencontrados, surgiria uma estranha figura do Ogre devorador, que dominaria a ilha, faria executar o Roque e não abdicaria da sua súbita realeza, obrigando a que todos o apontassem como o grande senhor daquele universo carregado de obrigatórios assentimentos!

O enfermeiro, de cabelo grisalho cortado à escovinha, tinha na mão uma série de papelada com carimbos e assinaturas.

– Tire o casaco, pendure-o naquele cabide, a gravata, desaperte o cinto, baixe as calças e as cuecas, deite-se sobre o lado esquerdo, erga os joelhos em posição fetal, será relativamente rápido e esqueça-se de todas as palermices que lhe possam ter dito sobre este tipo de exame.

Quantas vezes o enfermeiro dissera aquilo naquele mesmo dia, interrogou-se, e numa semana, num mês, num ano, na vida inteira, deveria ter cinquenta e tal anos, piscava os olhos atrás das lentes redondas, aros dourados.

Aparecia o médico a calçar as luvas de látex, depois de acender o ecrã onde surgira uma imagem sem identificação possível. O indivíduo sentiu uma gelatina espalhar-se no orifício anal.

– Está a ver, isto é muito simples, doce, anestesiante.

Era uma voz sem eco, ouvia-se melhor o silêncio do médico entrecortada por uns ruídos relacionados com o arranque do aparelho onde as imagens começavam a ter algum sentido, como que uma caverna do ogre, e aquela longínqua sensação de penetração. Deu-se, então, conta de que tinha uma sonda invadindo-lhe os intestinos, iluminando aquele túnel limpo, brilhante, onde nada parecia maculado, onde ele fixava os olhos. O médico comentou, como se falasse com extraordinário esforço:

– Até agora nenhum, hem?

– Nenhum pólipó, senhor doutor, confirmou o enfermeiro, na sua calma voz. Vamos passar para uma zona triangular.

– Deve ser o intestino delgado, pensou o paciente, seguindo, no ecrã, com os olhos já marejados de lágrimas, a caverna longa e carnosa do seu interior, sem que nada de importante surgisse. De súbito, apareceu uma bola negra e o paciente ficou lívido. O médico comentou para o enfermeiro:

– O que será isto aqui?

– É igual à daquele senhor de anteontem. Acciono?

E logo o paciente sentiu algo adicional mover-se dentro de si, enquanto via algo a golpear aquela espécie de noz que parecia resistir.

– O que é isto, doutor Moniz?

– Vejamos, vejamos.

Por fim a noz quebrou-se, abriu-se mais e surgiu uma figura liliputiana, disforme, um pequeno ogre, desses que, quando despejados e em contacto com o ar crescem muito depressa e assumem proporções gigantescas com intenções ditatoriais.

– Que lhe fazemos?

– Eliminemo-lo, dr. Moniz.

– Assim será, mas vai doer-lhe.

No ecrã, o pequeno ogre, nu, exercitava-se como se preparasse para uma luta, alheio ao que decidíamos sobre o seu destino.

– Por favor, aguenta os esfíncteres, tudo o que eu tenho dentro de si está através de um cabo e nada mais poderá entrar ou sair.

O paciente começou a assustar-se, tanto que viu como o enfermeiro abriu uma gaveta tirou um revólver e meteu-o no cinto, sob a bata. Então os armários do consultório começaram a tremer, o barulho dos vidros entrechocando assumiram um papel aterrador. A terra tremia. O paciente sentiu que o enfermeiro recolhia apressadamente a sonda, o médico desligava a máquina, a terra aquietava-se e de novo outro tremor de uns quantos segundos, alguém gritava na sala de espera, a empregada, algumas doentes, quem quer que fosse. As ramagens de uma tipuana entraram pelas janelas quebrando os caixilhos e as vidraças.

Nova réplica sísmica e o paciente apertava o cinto, procurando equilibrar-se, o enfermeiro tentando não cair, enquanto avançava pelo corredor sem largar a sonda, o médico desaparecera. E o pequeno ogre que tinha dentro de si, interrogava-se o paciente, enquanto procurava encontrar a porta que conduzia às escadas, pois o elevador não seria aconselhável em tais circunstâncias.

Federico Bettencourt entrou num alfarrabista da Travessa do Grémio Lusitano, em Lisboa, e comprou um pequeno álbum do século XIX em que um desenhador inglês descrevia graficamente a sua visão do porto da capital da Ilha das Quatro Estações. O bibliófilo era açoriano e destinava o livro a uma oferta, porém leu-o antes de o remeter ao seu correspondente no Massachusetts.

Bateram o dente enquanto a terra tremia, os destroços das povoações e as árvores ardião, mas o fogo arrefecia ao contrário dos outros fogos, as gentes correram para o ar, a pé, agarrados a troncos, a móveis, em barcos, andando sobre as águas, fugindo às gélidas chamas e aos estremecimentos das pedras que se desfaziam em areão grosso.

Um monge agitava os braços e dizia para acorrerem ao calhau, que não temessem as águas pela cintura, pelo peito, que bebessem o mar se preciso fosse, mas para se não deixarem intimidar pelas chamas, pelo frio, que um deus tentava juntar entre as suas mãos os pólos da terra, Galileu perdera a noção das coisas, a soldadesca dinamitava os penhascos que eram o universo das montanhas, o suporte dos picos que mergulhavam nas nuvens negras.

Ergui-me do banco de pedra da porta da minha choça e agarrei o til com ambas as mãos e apertei formidavelmente até que ele espirrou uma seiva sanguinolenta, melosa. O meu avô, o sargento Do Ó, estava na minha imaginação como um guerreiro do passado, e afinal era apenas o chefe da guarnição do Rochedo do Cais de Santo Adjuto, onde aportavam os navios receosos das pedras aguçadas que impediam o acesso a terra. Aliás estavam, na memória, ao sabor da ondulação raivosa, as chalupas acolchoadas para os passageiros.

O sargento artilheiro Da Câmara andava nervoso e só pensava em disparar os seus canhões, os artilheiros esperavam as ordens e ele apenas queria a bandeirola agitada pelo colega para ter cobertura para o fogo à peça. Lembrava-se de quando o Juan del Cano levava o esqueleto do tenente do chapéu de três bicos, o tal Joaquim Perez qualquer coisa, o capitão Alvarez Pina aceitara-o a bordo, mas o seu destino era Cuba. Não constava da *relaçam* a rota deste barco, mas com os mares atravessados pela pirataria decerto terá sido afundado antes de atingir o destino, mais uma façanha do Capitão Barba Ruiva, o da perna de pau e papagaio no ombro. Uma perna de pau, um braço que terminava num gancho, toda a tripulação enforcada e lançada ao Mar das Caraíbas, só escapou, uma vez mais, D. Joaquín Pérez no seu estado de esqueleto com os ossos envernizados, brilhantes.

Quando o capitão pirata abriu a caixa, que lhe pareceu demasiado leve, em vez de ricos panos encontrou aquele tenente fardado do

tempo de Filipe II, ficou horrorizado, o papagaio fora colocar-se no ponto mais longínquo do camarote berrando vivas aos lobos do mar das Caraíbas. Agitado de pânico, o capitão fixou os olhos nas botas novas do esqueleto e ficou intrigado como ninguém lhas arrancara.

A tempestade praticamente arrasou a Ilha das Quatro Estações, a população ajoelhava-se em cada recanto e orava, inventava orações, já farta de dizer sempre as mesmas, chegavam a dialogar com a tripulação dos céus, gostariam de afastar as nuvens e encarar os deuses, os apóstolos, os arcanjos e os anjos, toda aquela gente que vivia nas sombras. Abriam as gavetas das bancas da cozinha e sacavam de lá facas e olhavam em volta, para matarem, para se suicidarem, quem sabia do momento seguinte, pensavam. Alguns tinham mosquetes e carregavam-nos.

Chovia torrencialmente e mal se apercebiam que o chão se tornava inquieto, mas viam como a terra se abria e engolia algumas pessoas e, quando se fechava, havia corpos que ficavam apenas com o tronco e os braços e a cabeça gritando em silêncio porque o som vem sempre da barriga e a barriga fica apertada quando a terra se fecha.

– Isto é a rainha das ilhas, Afonso Gonçalves? – perguntou o confessor da capela do Trapiche, de modo admirado.

As manchas da humidade figuravam multidões de negros armados arrastando os amigos de Bob para um acampamento de mouriscos traficantes de escravos, transportando-os amarrados, discutiam as boas maquinas que iriam levar por aqueles brancos com quem não conseguiam entender-se, haviam-nos encontrado caídos, cansados, nas areias da praia, seminus, esfomeados, encheram-lhes a barriga de bananas e tocaram-nos, como a animais, em direcção à improvisada povoação de levante, onde a primeira coisa que os

prisioneiros ingleses viram foram alguns cavalos negros selados, depois carroças enormes gradeadas, onde estavam presos alguns negros. Entreolharam-se.

– Para onde nos levam, Richard? – perguntou um deles a seu irmão. – Se não estivéssemos assim e desarmados, se estes escarumbas nos entendessem...

Mas logo saíram os árabes, que os examinaram atentamente discutindo entre si. Um deles abriu uma bolsa e, após uma troca de palavras com outro, lançou ao chão umas moedas, como se as deitasse fora e não as entregasse aos negros vendedores. Apossaram-se depois de Bob e dos seus amigos e conduziram-nos às carroças gradeadas, mas meteram-nos numa que não tinha mais ninguém. Trouxeram-lhes frutos e pão.

Um mourisco falava mal inglês, mas esse tomou-lhes os nomes e mais alguns dados sem importância, retirando-se de seguida, mas recusou-se a responder a perguntas.

– Quando sairemos daqui?

– De um posto do norte decerto teremos mais oportunidades para fugir, pensaram.

Gonçalves Bandeira também aproaria àquela praia, mas até os filhos daqueles negros haviam sido levados por negreiros ficando deserta a costa, e os mouriscos já andavam por outras paragens, a Norte do Sahara. Por isso ele mandou ali edificar um forte em madeira que, não tendo passado quatro meses, foi incendiado por gente desconhecida e a guarnição morta. Era o Forte do Santo Nome de Deus do Marfim.

De relações cortadas com o rei do país que o incumbira de navegar e descobrir novas terras, e assim chegara à ilha a que atribuiu a designação de Ilha das Quatro Estações, Gonçalves Bandeira ainda

fez algumas incursões à costa de África tentando criar fontes de riqueza e abastecimento no Novo Mundo. Porém, em vão.

Na Costa Roque da ilha mandou organizar um terreno para treino de uma força de guerrilha que, uma vez habilitada, seria expedida para a metrópole aonde provocaria o caos, mas em vão. Os habitantes trucidaram todos os seus membros.

O capitão recolheu escravos para o trabalho mais árduo na ilha e regressou, porém não deu ouvidos a quem o aconselhava a queimar os navios, pois considerava útil navegar mesmo que não fosse para conquistar, e dizia:

– Meus senhores, navegamos como quem se espreguiça, não temos gente para colonizar outras paragens, mas poderemos estender os braços, distender os músculos e temos inteligência para escutar outras vozes que não as tontas vozes como estas que começam a falar em círculo ouvindo-se a si próprias como os maiores oradores da terra. Vede os Beatos Descalços que, segundo se diz, começaram por devorar a carne dos seus próprios mortos e agora já se matam entre si para se alimentarem de carnes santas, mesmo um dia saíram dos seus mosteiros, agora sacrílegos, e tentaram devorar as mais tenras carnes das nossas gentes. Eles já não curam com religião, mas para abastecimento das suas panças, que já não são venerandas, e tencionava eu entregar-lhes os tribunais e a defesa das crenças...

– Porém, senhor, aqui na ilha não deveremos revogar as crenças que trouxemos do velho continente e criar outras, talvez construir a ideia de um outro deus?

Então, o capitão Gonçalves Bandeira, de costas para os demais, olhando o mar, disse:

– Bem sabeis que já não sou o descobridor, mas a terceira geração dos Gonçalves Bandeira, embora mantenha os apelidos. Como um fantasma de mim mesmo em que todos acreditam, mas todos vós perdestes os apelidos com que aqui aproastes com o nosso velho

barco ou aguentaste-vos com os vossos sangue e ossos e sempre fingimos ser quem os nossos avós eram, lutamos com as suas armas e todos acreditaram que sobreviveram ao tremor da terra esquecendo o ano, mas não o dia, mastigamos o ano, mas guardamos a data ao contrário de nós mesmos. Vede como os Beatos Descalços se salvaram.

– Se salvaram como, senhor?

Gonçalves Bandeira olhou o cortesão, que tinha fumos de poeta, mas evitou perder-se, uma vez mais, naquela discursividade confusa.

– Pareceis, por vezes, animado de alguma sabedoria, pelo menos de alguma especulação teológica, mas não passais de um burro, senhor Garcia da Ponta da Luz.

– Perdoai, senhor, sou assim desde que ceguei...

– Nunca cegastes, vós fingis, requereis comiseração, mas sempre mentis.

– Pelo menos os Beatos Descalços escrevem a nossa crónica, a *relaçam*...

– Mas há muito que não temos acesso ao que escrevem, apenas sabemos que o fazem porque vemos naquela torre um deles a escrever, debruçado sobre uma estante, com uma pena de pato, que molha no tinteiro. Reparai, é mais um jogo de sombras que uma crónica, senhor, e se fôssemos lá ver o que escrevem aqueles malditos e pecaminosos Beatos Descalços?

Gonçalves Bandeira deu uma gargalhada, continuava a olhar as ondas alterosas.

– Mas pecaminosos, meu caro Garcia da Ponta da Luz, em relação a quê?

Frei Cristiano dos Beatos Descalços entrou no salão onde Gonçalves Bandeira recebia. Fedia, e o seu imundo hábito estava esfarrapado.

– Eis-me senhor, eis o abade daquela pobre comunidade que se está perdendo na inutilidade.

– Quero dar-vos a missão de estabelecerem algo parecido com a Inquisição. Lembrai-vos da Inquisição no Velho Continente, irmão Cristiano?

O frade, que se sentara a um canto, encostado à parede, perguntou num fio de voz:

– E o que poderemos ganhar com isso, senhor?

Sorrindo, Gonçalves Bandeira disse *a soto voce*:

– Finalmente um deus, o ogre, e o poder que sempre a vossa ordem ambicionou e os Gonçalves Bandeira vos recusaram. É o momento de eu descansar, confiando-vos o látego espiritual que faz cortes ensanguentados na pele das costas e nas faces dos mortais desta ilha.

O frade ergueu-se de um pulo e, com ar desafiador, exclamou:

– Aceito, vou preparar os meus beatos, amanhã seremos outros, mas mandai-nos cinquenta escravos para umas modificações que pretendemos fazer na nossa casa.

– Quantos sois neste momento, frei Cristiano? Há muito que não sei de vós.

– Uma centena, senhor.

– Como se reproduziram, irmão? – perguntou ainda Garcia da Ponta da Luz, mas um olhar de censura de Gonçalves Bandeira terminou ali a audiência.

Foi Pacheco Novo, neto de Pacheco Velho, que seguiu o frade até à rua, apertando as narinas com as mãos, pensando que o frade cheirava pior que a merda de todos os pássaros juntos da Ilha das Quatro Estações ou dos cadáveres do terramoto ao ar, como da outra vez, em que tivera de ir para o largo numa jangada, com parcos víveres e alguma água por não poder suportar o fedor da terra. Aquele Beato Descalço da Serra da Arrábida poderia vir a ser o grande senhor das polícias da ilha, mas naquele instante era a escória daquela terra

que era sua. Seria verdade que eles se devoravam como alimanhas? Seria verdade que se reproduziam sendo apenas homens ou haveria mulheres sob aqueles imundos hábitos? Seria verdade que tinham ou que não tinham mulheres? Vestiriam algumas coisas debaixo daqueles malditos hábitos de serrubeco? Nunca tinham frio? Nunca tinham calor? A quem rezavam, eram demoníacos, eram devotos a algum deus?

O avô Pacheco não gostava dos Beatos Descalços e levava o neto a ver o rochedo do desembarque, mostrara-lhe a caveira de Vladomiro IV, que estava dentro de uma caixa, numa casa abandonada, a primeira casa de pedra construída na capital, na verdade uma choça, mas de que todos cuidavam, como de uma relíquia. Ali se costumava sentar, fumando cachimbo, o mestre que andara com a barca para lá e para cá, da ilha à Corte, e escutara os ralhos do rei, a quem entregara as gaiolas com os pássaros mortos e as bananas podres, além da carta, e contratara a soldadeira. Mas aquilo eram coisas do passado, a que ele prestara atenção, ficara a servir na casa grande e sobradada do roque Gonçalves Bandeira. Agora teriam de contar com um ogre, que ficaria entregue aos Beatos Descalços, um ogre que, pelos vistos, emergiria da merda dos frades, o qual se prestaria a soltá-lo num peido, numa diarreia, de que tamanho seria, magro, mirrado ou gorducho como todos os ditadores, com papadas e olhos com bolsas arroxeadas?

O paciente deu meia dúzia de passos na rua e sentiu horríveis dores no ventre, uma tontura, duas tonturas, abraçou-se a uma tipuana, as pessoas olharam-no com indiferença, preocupadas com os sucessivos estremeamentos da côdea terrestre, a próxima queda dos prédios, os gritos sem som das bocas escancaradas. Deixou-se escorregar, caiu de joelhos na terra molhada e sentiu uma força apartar-lhe as paredes intestinais, como se algo avançasse dentro de si.

Dolorosamente, e de repente, sentiu um alívio que jorrou sangue, subindo a rua um homúnculo que parecia ganhar corpo, um diminuto ogre, que ensaiava uns berros, umas ordens, a quem todos pareciam obedecer.

Entardecia, as luzes estavam fechadas porque o terramoto não tinha contemplanções com o fornecimento da energia e dos portais esgueiravam-se as figuras malcheirosas dos Beatos Descalços, de garras afiadas, proclamando a nova ordem, mesmo que a terra serenasse, mesmo que as chuvas apagassem os numerosos incêndios e as pessoas ressuscitassem e as ribeiras cessassem a limpeza das cidades, mesmo que as igrejas ruíssem e se submetessem ao ogre, ele estaria sobre tudo e todos, a coberto das figuras dos Beatos Descalços. Já ficou escrito Ogre e não ogre, Ogre com maiúscula, determinando as angústias e a catástrofe, apagando a história e a geografia, apagando as ciências e o possível, socorrendo com o impossível a palavra *fim* para a infinita Ilha das Quatro Estações.

